

Nietzsche e o irracionalismo

ANATOL ROSENFELD



Quem se esforça por compreender a crise da cultura ocidental (e ela existe embora já se tenha tornado tema de tarefas escolares) não pode deixar de dirigir a sua atenção para a filosofia irracionalista, ou melhor, para as tendências irracionalistas da nossa época. O moderno irracionalismo, consequência de um desequilíbrio social, econômico e psicológico, contribui, por sua vez, para intensificar o caos do nosso tempo.

É desnecessário examinar, neste nexa, o irracionalismo em todas as suas configurações proteiformes e na sua múltipla dependência de situações sociais. É evidente que o irracionalismo, quer irrompendo nos ritos dionisíacos ou no culto órfico dos gregos, quer, pelo fim da Idade Média, nos grandes arroubos místicos, quer ao fim da Ilustração nos movimentos românticos, costuma representar – visto apenas pelo prisma ideológico – uma reação a épocas excessivamente intelectualistas. Uma reação peculiar, porém, em que se unem, de modo inextricável, vanguardismo e conservantismo extremos, em que o culto procura vencer a cultura e em que às vezes um refinamento elegante e grã-fino deflagra na glorificação da barbárie e do primitivo.

Os porta-vozes do irracionalismo costumam ser intelectuais de dezoito quilates que, para falar com Hoelderlin, “tendo pensado o mais profundo, amam o mais vivo”. Cansados do esforço conceitual, preferem trocar a maçã paradisíaca pelas uvas de Baco.

O pensador alemão em 1871 opôs 'forma' (Apolo, esq.) a 'embriaguês' (Dioniso) em "O Nascimento da Tragédia"

INDIVIDUALISMO E IRRACIONALISMO

Visto por um prisma mais amplo, as tendências irracionais surgem com frequência como resultado de um individualismo extremado. Levando o individualismo às últimas consequências, envolvendo-se na dialética de todo individualismo, procuram finalmente superá-lo. Neste sentido, o irracionalismo pode ser expressão de um legítimo anseio de comunhão (de indivíduos, de indivíduo e sociedade, de indivíduo e natureza, cosmos e entidades divinas). Segue daí que o irracionalismo é resultado de estruturas sociais muito desenvolvidas e já em vias de degeneração – estruturas que dificultam a integração do indivíduo, aumentam o sentimento da solidão, insatisfação e angústia, bem como a marginalidade de certos grupos e classes.

Contudo, é preciso discernir claramente entre o individualismo da Ilustração, que afirma (em tese) o valor absoluto da razão, idêntica em todos os homens, e o individualismo do *Sturm und Drang* e dos românticos, que salienta o valor da singularidade e unicidade de todo indivíduo.

Só essa última concepção é irracionalista, porque o indivíduo, entendido não como portador de valores idênticos em todos os homens, mas como entidade singular e totalidade indivisível, não se presta à análise e não pode ser captado nas malhas do conceito abstrato.





Nietzsche

CAUSAS SOCIAIS

É evidente que tais tendências, em parte determinadas pela dialética das idéias, dependem também de processos sociais. O individualismo racionalista da Ilustração, para dar um exemplo, servia à burguesia em franca ascensão: pois uma razão geral, inata em todos os indivíduos, justificava ideologicamente a luta contra o feudalismo e os privilégios divinos de determinadas camadas dominantes. No momento, porém, em que a burguesia conquistara as posições essenciais, descobriu-se ou reconheceu-se, de repente, a singularidade irracional e inefável do indivíduo excepcional e a sua magnitude incomparável que tornava plausível e munia de boa consciência os privilégios de certas camadas sociais.

O IRRACIONALISMO COMO CORRETIVO

Seria grave erro negar ao irracionalismo um grande “valor local”, como corretivo. Penetrando certas esferas da cultura e da existência humana, consegue encher de vida instituições e dogmas religiosos, dar novos impulsos a uma arte sufocada por esquemas e fórmulas. Neste sentido, o irracionalismo representa uma libertação de valor incomensurável. Emancipa a sensibilidade e certos valores vitais desprezados pelo racionalismo. Mas ao mesmo tempo valuta exageradamente os poderes da emoção, do inconsciente – aquelas potências que se chamam de *chthonicas*, telúricas, dionisíacas, órficas, demôníacas, elementares e como se queira designá-las; potências que nos conduzem àquela esfera ambígua, onde tudo ferve na umidade de vapores fecundos e onde com boa consciência se pode renunciar ao “esforço do conceito”.

Esta esfera do lusco-fusco oferece conforto aos fracos. O sentimento vago, a indeterminação fluida, a nebulosidade opaca – transformados de valores relativos em absolutos – nada são senão racionalizações da falta de responsabilidade, preguiça mental e o chapinhar dengoso no “inefável” – uma atitude que teme a dura e máscula clareza do intelecto como o morcego a luz.

O APARENTE IRRACIONALISMO DE SCHOPENHAUER

Um dos primeiros filósofos que em nossa época parece sistematizar o irracionalismo é Schopenhauer. Como essência do mundo afigura-se-lhe a “vontade cega” – conceito em si errado, pois a vontade opõe-se precisamente como racional ao impulso cego. Com a hipótese metafísica da vontade irracional caracteriza-se Schopenhauer como adversário do panlogismo de Hegel. Ao passo que esse último disse que tudo que é real é racional, Schopenhauer poderia ter dito: “Tudo que é real é irracional”.

Todavia, o intuito de Schopenhauer é o de elucidar as conseqüências sombrias dessa irracionalidade da essência metafísica – um mal eliminável somente pela intervenção niilista do espírito humano, capaz de superar e aniquilar o mundo e a sua miséria, cujo fundo e causa é a vontade nunca satisfeita. De acordo com esse ponto de vista, a posição de Schopenhauer é única. Reconhecendo embora o poder avassalador e a cruel realidade do irracional, nega-lhe toda virtude. Sua filosofia é uma doutrina de redenção. Esse hedonismo às avessas proclama a nossa salvação de todos os males pela intervenção sobrenatural da *ratio* humana, resulta, portanto, na glorificação do intelecto, conquanto lhe atribua apenas a força de destruir a vida, isto é, uma vida sem sentido e sem valor.

Impressiona na obra de Schopenhauer a enorme conseqüência com que o irracionalismo produz o anseio do Nada. Num mundo irracional e caótico não pode haver ordem, nem razão, nem valor, nem sentido. O único sentido, concebível nos limites extremos do pensamento, é a aniquilação desse mundo sem sentido.

É claro, portanto, que Schopenhauer não é, na acepção precisa, um representante do irracionalismo moderno, visto que nega ao irracional todo valor. À mesma linha de pensamento pertence a certo respeito Freud, na medida em que salienta a poderosa influência do inconsciente e irracional na vida humana. Contudo, Freud é, tampouco como Schopenhauer, um pensador irracionalista. O sentido da sua terapia é, como se sabe, a racionalização do homem, o esclarecimento, a iluminação dos elementos irracionais que, como recalçados, corrompem a vida psíquica, devendo, portanto, ser sublimados ou impelidos para as zonas conscientes da nossa alma. Freud, da mesma forma como Schopenhauer, proclama, portanto, a salvação, ou pelo menos a cura, pela intervenção do conhecimento analítico.

ANATOL ROSENFELD

(1912-1974) foi pensador, crítico literário e ensaísta. Publicou, entre outros, *Texto/Contexto* e *O Mito e o Herói no Moderno Teatro Brasileiro* (ambos pela Editora Perspectiva).

rativo moral, toda norma se desmoronaram, nada existe a não ser uma vida que se vive a si mesma em eterno retorno e que procura sua glória e seu triunfo na sua própria força e beleza biológicas. Todos os outros momentos são subordinados. A filosofia deixa de ser um meio de conhecimento e transforma-se em instrumento musical, cujas cordas vibram a fim de glorificar a vontade de poder.

A vida, na sua crueldade biológica, como guerra de todos contra todos, torna-se absoluta. Os imperativos morais, que se opõem a tal concepção ditirâmbica, nada são senão empecilhos no caminho do super-homem. A verdade é relativizada, isto é, aniquilada como valor absoluto a ser visado; ela se transforma em mera função útil a serviço da vontade de poder.

Tal concepção pragmática, Nietzsche a formulou inúmeras vezes. Em *Além do Bem e do Mal* lemos: “A falsidade de um juízo não é para nós um argumento contra esse juízo... A questão é saber até que ponto esse juízo é estímulo da vida, até que ponto conserva a vida e contribui para melhorar a espécie...”. Eis a linguagem de Hitler, ao pé da letra. Que, porém, é a vida, qual o seu sentido? Spengler revela-o ocasionalmente com clareza: “Permanecer senhor dos fatos é mais importante para nós do que se tornar escravo de ideais...”. Todavia, para que permanecer senhor dos fatos? Spengler não sabe a resposta: “A vida é o começo e o fim e a vida não tem sistema, não tem programa e não tem sentido”.

A SEDUÇÃO DE NIETZSCHE

Tais concepções, que quase ao mesmo tempo ou algumas décadas mais tarde, foram expressas, de modo mais cauteloso, por alguns pragmatistas norte-americanos e pelo neokantiano Vaihinger (mas sem o amoralismo nietzschiano), de modo radical, porém, por pensadores pré-fascistas como Vilfredo Pareto e Georges Sorel, tornaram-se logo grande moda. Não se pode negar que se trata com freqüência de pensadores de alta categoria. Mas as suas concepções, erradas em si, não possuem nem “verdade” pragmática. Não são úteis, são extremamente nocivas. Nas suas *Reflexions sur la Violence*, proclama Sorel um “conservantismo revolucionário” – característico típico de todo fascismo, concepção fundamental do nazismo. Sorel profetizava com verdadeira volúpia não só guerra e anarquia, mas afirmava simultaneamente com entusiasmo a necessidade de mitos e ficções irracionais que deveriam ser fornecidos às massas – mitos e ficções destinados a “livrar as energias com primitivos urros de guerra”.

Há 150 anos, Novalis já falara da afinidade entre barbárie e esteticismo. O irracionalismo de Nietzsche é ao mesmo tempo bárbaro e refinado, arcaico e revolucionário, estetizante e brutal. É evidente que não se deve entendê-lo ao pé da letra, como o fizeram mais tarde os seus tolos adeptos. É preciso apreciá-lo de certa distância, como se se contemplasse o quadro de um pintor. A genialidade de Nietzsche reside na sua perspicácia psicológica – uma lucidez que na sua excessiva força iluminadora revela a inflamação do cérebro, a incandescência do curto-circuito seguida da carbonização.

A isso se junta um poder verbal ditirâmico, a força de penetração perfurante da sua intuição e aquela mistura fascinante, apaixonadamente sedutora, de decadência e adoração da vitalidade, *morbidezza* e mania de vigor e saúde. É tremendo o impacto da sua sinceridade quase desumana em face de um mundo cheio de hipocrisia que fala incessantemente de amor cristão e que se dilacera ao mesmo tempo na competição desenfreada; um mundo de religiosidade limitada aos sábados e domingos, onde não se sabe se os devotos fazem os seus cálculos ao rezarem ou se rezam ao fazerem os seus cálculos.

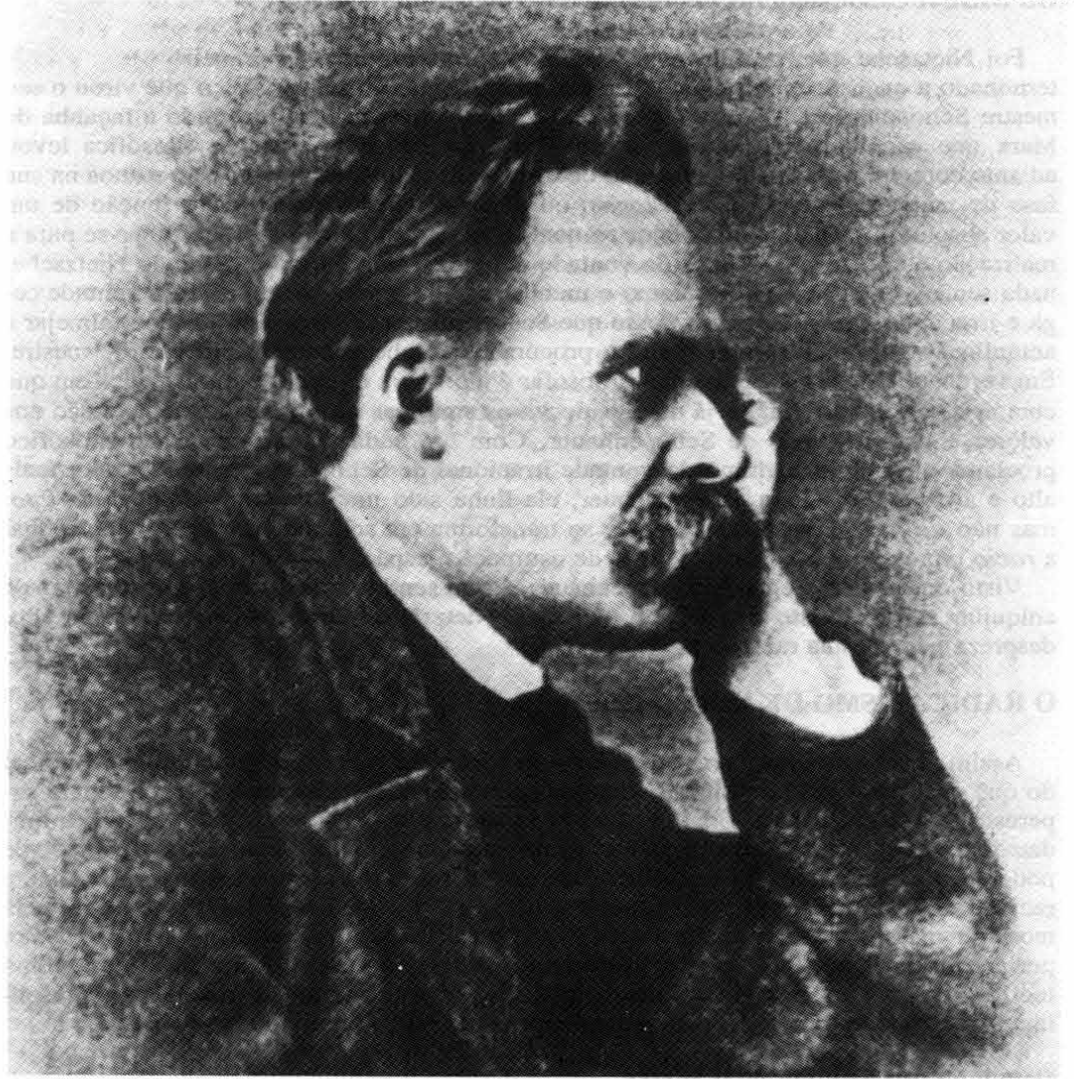
A visão nietzschiana do mundo não é, em essência, filosófica, mas estética, e neste sentido ela deve ser entendida.

A CARICATURA DO SUPER-HOMEM

Sem dúvida alguma, na nossa exposição a obra de Nietzsche foi vista de modo simplificado. Nietzsche é uma personalidade extremamente complexa. À figura do seu su-

**A revolução de Nietzsche é total.
A única realidade absoluta existente
é a vida como vontade de poder e essa
vida nada quer senão a si mesma,
nada fora de si, nada acima de si**





O pensador alemão Friedrich
Nietzsche (1844-1900)

dência poderiam ser apreendidos por meio das faculdades racionais e do conceito abstrato. Como os eleatas da antiga Grécia (Parmênides), afirmou Bergson que o nosso intelecto é incapaz de apreender o mais simples movimento. Parmênides, como racionalista, chegou conseqüentemente à conclusão de que não se poderia atribuir verdadeiro ser, realidade essencial, ao movimento e ao vir-a-ser dados pelos sentidos. Bergson, como irracionalista, chegou à conclusão contrária de que o nosso raciocínio não poderia apreender a realidade verdadeira, que é essencialmente movimento e vir-a-ser. Só a famosa intuição de Bergson teria essa capacidade. Por esse mesmo motivo, o irracionalismo por assim dizer clássico procurava ultrapassar os limites do pensamento lógico.

Todavia, quer se tratasse do culto dionisíaco, quer da contemplação ou êxtase místicos ou da intuição artística – sempre se desejava “apreender” algo, “conhecer” algo, apropriar-se de realidades independentes ou entregar-se a tais realidades; sempre se desejava entrar em contato com uma realidade objetiva que existisse fora do ser subjetivo e pessoal. Por meio de contemplação, êxtase, intuição, estados de exaltação dionisíaca desejava-se estabelecer uma comunhão entre o solitário Eu e entidades independentes.

A revolução de Nietzsche é total. A única realidade absoluta que existe é a vida como vontade de poder e essa vida nada quer senão a si mesma, nada fora de si, nada acima de si.

O PRAGMATISMO DE NIETZSCHE

Compreende-se a tremenda solidão de Nietzsche, a sua formidável isolamento, sua cruel sinceridade. Deus é morto. Se Deus é morto, o mandante dos mandamentos, então todos os mandamentos perderam o seu sentido. Toda ordem, todo *logos*, toda lei, todo impe-

rativo moral, toda norma se desmoronaram, nada existe a não ser uma vida que se vive a si mesma em eterno retorno e que procura sua glória e seu triunfo na sua própria força e beleza biológicas. Todos os outros momentos são subordinados. A filosofia deixa de ser um meio de conhecimento e transforma-se em instrumento musical, cujas cordas vibram a fim de glorificar a vontade de poder.

A vida, na sua crueldade biológica, como guerra de todos contra todos, torna-se absoluta. Os imperativos morais, que se opõem a tal concepção ditirâmbica, nada são senão empecilhos no caminho do super-homem. A verdade é relativizada, isto é, aniquilada como valor absoluto a ser visado; ela se transforma em mera função útil a serviço da vontade de poder.

Tal concepção pragmática, Nietzsche a formulou inúmeras vezes. Em *Além do Bem e do Mal* lemos: “A falsidade de um juízo não é para nós um argumento contra esse juízo... A questão é saber até que ponto esse juízo é estímulo da vida, até que ponto conserva a vida e contribui para melhorar a espécie...”. Eis a linguagem de Hitler, ao pé da letra. Que, porém, é a vida, qual o seu sentido? Spengler revela-o ocasionalmente com clareza: “Permanecer senhor dos fatos é mais importante para nós do que se tornar escravo de ideais...”. Todavia, para que permanecer senhor dos fatos? Spengler não sabe a resposta: “A vida é o começo e o fim e a vida não tem sistema, não tem programa e não tem sentido”.

A SEDUÇÃO DE NIETZSCHE

Tais concepções, que quase ao mesmo tempo ou algumas décadas mais tarde, foram expressas, de modo mais cauteloso, por alguns pragmatistas norte-americanos e pelo neokantiano Vaihinger (mas sem o amoralismo nietzschiano), de modo radical, porém, por pensadores pré-fascistas como Vilfredo Pareto e Georges Sorel, tornaram-se logo grande moda. Não se pode negar que se trata com freqüência de pensadores de alta categoria. Mas as suas concepções, erradas em si, não possuem nem “verdade” pragmática. Não são úteis, são extremamente nocivas. Nas suas *Reflexions sur la Violence*, proclama Sorel um “conservantismo revolucionário” – característico típico de todo fascismo, concepção fundamental do nazismo. Sorel profetizava com verdadeira volúpia não só guerra e anarquia, mas afirmava simultaneamente com entusiasmo a necessidade de mitos e ficções irracionais que deveriam ser fornecidos às massas – mitos e ficções destinados a “livrar as energias com primitivos urros de guerra”.

Há 150 anos, Novalis já falara da afinidade entre barbárie e esteticismo. O irracionalismo de Nietzsche é ao mesmo tempo bárbaro e refinado, arcaico e revolucionário, estetizante e brutal. É evidente que não se deve entendê-lo ao pé da letra, como o fizeram mais tarde os seus tolos adeptos. É preciso apreciá-lo de certa distância, como se se contemplasse o quadro de um pintor. A genialidade de Nietzsche reside na sua perspicácia psicológica – uma lucidez que na sua excessiva força iluminadora revela a inflamação do cérebro, a incandescência do curto-circuito seguida da carbonização.

A isso se junta um poder verbal ditirâmbico, a força de penetração perfurante da sua intuição e aquela mistura fascinante, apaixonadamente sedutora, de decadência e adoração da vitalidade, *morbidezza* e mania de vigor e saúde. É tremendo o impacto da sua sinceridade quase desumana em face de um mundo cheio de hipocrisia que fala incessantemente de amor cristão e que se dilacera ao mesmo tempo na competição desenfreada; um mundo de religiosidade limitada aos sábados e domingos, onde não se sabe se os devotos fazem os seus cálculos ao rezarem ou se rezam ao fazerem os seus cálculos.

A visão nietzschiana do mundo não é, em essência, filosófica, mas estética, e neste sentido ela deve ser entendida.

A CARICATURA DO SUPER-HOMEM

Sem dúvida alguma, na nossa exposição a obra de Nietzsche foi vista de modo simplificado. Nietzsche é uma personalidade extremamente complexa. À figura do seu su-

**A revolução de Nietzsche é total.
A única realidade absoluta existente
é a vida como vontade de poder e essa
vida nada quer senão a si mesma,
nada fora de si, nada acima de si**



per-homem não faltam traços de um acentuado idealismo moral. Deste professor da filologia grega vale o que Kant disse de um filósofo contemporâneo: o espírito poético, ao enobrecer a expressão, penetra às vezes na filosofia do autor. O curioso é que a visão renascentista de Nietzsche logo iria encontrar um representante aburguesado na realidade. Sua besta loira não difere muito do seu sucessor *bourgeois*, o magnata de óleo, e Spengler, adepto de Nietzsche, reconheceu perfeitamente que o milionário Wunderhaft, da peça de Shaw, nada é senão um super-homem esperto com organização eficiente. Indubitavelmente, Nietzsche ficaria arrepiado diante dessa caricatura da sua visão estética, tão cruelmente parodiada pela realidade.

“APRÈS NOUS LE DÉLUGE!”

A influência de Nietzsche é até hoje formidável. Mesmo onde ela não é aparente, no existencialismo de Heidegger, ela ressurgiu de certa maneira. Em ambos os casos, a dignidade do indivíduo independente e isolado decorre da sua capacidade de manter-se no vácuo do Nada. Em ambos os casos não existe uma sociedade, ou apenas como o valor desprezível da massa dos escravos (Nietzsche) ou como a categoria igualmente desprezível do *man* heideggeriano (o que vem a ser a partícula “se”, na expressão “aluga-se uma casa”). Nenhum dos dois reconheceu valores transcendentais à vida ou, para usar a terminologia de Heidegger, ao “estar-af” (*Dasein*). Para encontrar, porém, algum sentido, Heidegger procura-o no próprio “estar-af” que deve tornar-se autêntico na verdadeira existência – um processo semelhante ao do mencionado Barão de Munchhausen: pois, riscada a transcendência de Kierkegaard, tal autenticidade permanece perfeitamente “absurda”.

É óbvio que teorias semelhantes, de Nietzsche a Sorel e Spengler de um lado, e de outro lado filosofias como a de Heidegger, Sartre e do Jaspers anterior à guerra – autores e filósofos, portanto, em parte de verdadeira magnitude e de real gênio – é óbvio que tais concepções resultam, nas suas últimas conseqüências, fatalmente em niilismo completo. Um niilismo, porém, que por sua vez nada é senão o reflexo exato, corajoso e sincero da nossa atualidade. O curioso é que alguns desses pensadores costumam fazer logo tábula rasa. O que é a condição da nossa sociedade, é apresentado por eles como condição do homem *tout court*. A tragédia do nosso mundo em pleno naufrágio transforma-se em tragédia da humanidade; uma fase histórica caótica é projetada para o universal e “metafísico” e fundamenta um voluptuoso chafurdar, um chapinhar fatalista na lama de um pessimismo cheio de *coquetterie*. Pelo fato de uma época ter chegado ao fim, tornam-se niilistas, como se com a nossa sociedade tudo acabasse e como se depois nada houvesse a não ser o dilúvio.

Concepção semelhante foi a da aristocracia francesa, quando uma nova camada social estava prestes a tirar-lhe as rédeas das mãos: “*Après nous le déluge!*” era o seu clamor elegíaco – o clamor de todo pessimismo do tipo “eita-pau!”: “A coisa vai mal, façamos por gozar a hora que passa”.

Edifício da Universidade de
Leipzig, onde o filósofo
lecionou; à direita, a igreja dos
Paulinos

